

Wesley Colati

INC OMP LET UDE

ou uma história
sobre pitangas

Editora Penalux, 2022.

I a pitangueira

Na frente do meu prédio há um pé de pitanga. São pequenas bolinhas de um vermelho desbotado que quase passam despercebidas em meio à folhagem da modesta arvorezinha, tão singela quanto seus frutos. O engraçado é que sempre imaginei pitangas fartas e tenras, exatamente com estes adjetivos, esguichando um suco ácido por entre os dentes ao sinal da primeira mordida. Imaginava uma fruta capaz de encher a mão, generosa em volume e sabor, mas, olhando agora, percebo que não são tão diferentes de meras acerolas e, por tanto, tão banais que perdem a dignidade erótica que o nome proporciona. O que importa, porém, é que há uma pitangueira em minha calçada e, mesmo que não seja uma grande descoberta, ela acabou se transformando em objeto de curiosidade nesta tarde de sábado tediosa onde os ponteiros do relógio parecem denunciar a minha infrutífera produtividade. Sem mais nada em que me ater, os míseros frutinhas avermelhados cativam a atenção e preenchem o espaço na minha mente com o suposto e espetacularmente normal — e por isso mesmo pretensioso — gosto que suas entranhas devem possuir. Talvez o fascínio que o misterioso exerça em nossas vidas seja justamente devido às lacunas

que preenchamos com desejos e fantasias do que podem ser. E sendo, acabam por frustrar as expectativas porque a materialidade nunca é tão prazerosa quanto o tateio cego no corpo disforme que ofega, desritmado, com nossos passos cada vez mais próximos e mais próximos e mais próximos. Uma pequena vela revelaria parte do que se esconde e mata-ria a curiosidade fanática, mas o lado oculto pela penumbra é que atíça a vontade de continuar descobrindo o outro por meio dos sentidos. A visão, neste ponto, talvez seja a porta de entrada menos estimulante no processo orgástico. Ver significaria descobrir e o que há por baixo do lençol perde potência frente à figura hipotética. Que gosto, então, teriam estas benditas pitangas? Imagino-as azedas e firmes. Daqui de onde estou, a casca ostenta certa rigidez que aparenta resistir à mastigação, por mais voraz que esta possa ser. A curiosidade me instiga, mas castra a minha ação. Recuso a oferta de Eva e escolho desconhecer a tangibilidade do mundo que me cerca. Intacta, a pitanga jamais apodrece em meus pensamentos e, tampouco, desencanta o paladar.

II
pseudodescoberta

Não foi abruptamente. Nem mesmo uma ideia que, de sobressalto, subjugou tudo o que eu pensava saber sobre mim mesmo para, de uma hora para outra, começar a me entender a partir de um ponto, digamos assim, tão emblemático, como alguns devem supor. É impossível definir um marco absoluto, mas há sim diversas situações que me ajudaram a construir a percepção de que eu não amava e — talvez mais importante do que isso — não me excitava como os outros garotos.

Aos oito anos fui impedido de sentar-me ao lado do meu melhor amigo na escola porque, segundo os professores, nós dois conversávamos demais durante as aulas e isso era prejudicial ao restante da turma. Gradativamente, fomos nos afastando por exigência dos nossos cuidadores que passaram a crer que a separação era o melhor caminho para eliminar qualquer vestígio de má influência que poderíamos exercer um ao outro. Olhando agora, em retrospecto, acredito que esta tenha sido a primeira vez que tive meu coração partido porque, depois disso, passei a me esconder com frequência para chorar baixinho, temendo ser indagado pelos meus pais. Eu não saberia responder o

— |

motivo do choro, mas começava a suspeitar. Isso me faz crer que o medo foi precursor no meu processo de descoberta: antes da certeza, a ressalva; antes do crime, a condenação. Entretanto foi aos onze anos que as coisas mudaram drasticamente. Neste período, surgiu uma mancha que passou a me acompanhar ao longo dos anos e fazer parte da minha identidade. Sei que inevitavelmente vou ter que falar sobre ela, mas não agora. Por enquanto prefiro me ater ao que considero ser essencial para legitimar alguma coerência na história. Assim, avanço para o momento-chave onde as coisas começaram a desandar.

Quando completei dezesseis anos, já consciente de meus desejos, passei a experimentar os prazeres da carne com um ou outro colega da minha idade: mãos que deslizavam sob o colo alheio; toques aparentemente despretensiosos, mas repletos de malícias; carícias secretas durante os intervalos escolares. Tudo isso era prática comum entre os meninos, mas tacitamente velado como um pacto que nunca ousava ser proferido em voz alta. Apesar disso, eu percebia que todo este ritual entre amigos tinha outro valor para mim e, por isso mesmo, passei a fugir de tais aproximações para evitar que meu corpo me denunciasse. O meu campo de descobertas passou a ser particular, apenas com a minha imaginação me guiando durante longos banhos. Não demorou muito, porém, para que apenas isso se tornasse insuficiente para dar vazão a tudo o que se desenrolava em meu íntimo mais secreto. Foi nesta época em que Erick surgiu.

III
aprisionado

Eu estava no segundo ano do ensino médio e, como qualquer adolescente insuportavelmente normal, odiava a escola. Nesta época morava em uma cidade do interior, a mesma onde nasci e vivi a maior parte da minha vida. Eu detestava ser um jovem interiorano e a minha relação com aquele lugar não demorou para se tornar insustentável. Quando comecei a pensar por conta própria, percebi que não me encaixava no ambiente e, desde então, experienciava um estado de constante antecipação. Sonhava com a ideia de que, na primeira brecha, subiria em um ônibus qualquer para fugir daquela realidade bucólica que sufocava qualquer pretensão existencial que eu ousava possuir. Encarava os últimos anos escolares como o obstáculo derradeiro para, enfim, alçar voo rumo a um grande centro urbano com o pretexto de ingressar na universidade. Não que não tivesse reais intenções acadêmicas, pelo contrário. Para me desvencilhar do contexto imposto, apeguei-me muito cedo ao mundo dos livros onde desenvolvi uma forte inclinação literária, fosse consumindo e analisando obras ou arriscando alguns versos pouco inventivos. Isso fez com que, ainda bem jovem, adquirisse certa convicção do papel que gostaria de

desempenhar na vida adulta, mesmo que essa convicção se restringisse somente ao que tangia o aspecto profissional. Na mesma caixa de certezas eu guardava a ideia de que o ensino médio não era mais do que a antessala de um futuro mais colorido e enérgico; o que não amenizava nem um pouco o desgosto que nutria pelo ambiente escolar e todas aquelas pessoas com quem tinha que conviver. Se havia algo em comum entre mim e meus colegas era a completa inaptidão em desenvolver vínculos. O que existia era apenas uma cordialidade mútua e desinteressada que deixava nosso convívio ameno, mas, ainda sim, apático. A minha sexualidade não me colocava em maus bocados como alguns devem supor. Os únicos episódios em que isso parecia fazer alguma diferença eram nas rodas de conversas em que, para não causar alardes, inventava uma ou outra namoradinha para me enturmar. E isso não era muito difícil, pois, de fato, eu costumava me envolver com garotas, em especial nos eventos públicos onde a minha performance de macho pudesse ser notada. Eu não ostentava traços ou trejeitos que denunciasses minha orientação, o que me deu certa vantagem neste período que as diferenças costumam gerar desconforto. Passar despercebido era um alívio. Não que ter essa parte minha exposta pudesse ser uma experiência assim tão traumática e, a bem da verdade, isso pouco importava na época. Aos dezesseis eu já havia experimentado todas as angústias e conflitos que um garoto gay sofre ao se perceber como tal e, depois disso, o que ficou foi uma

aceitação morna que não dava vontade de assumir, mas, tampouco, negar. O lado bom de não ser visto era manter a total nulidade que qualquer exposição traria naquele contexto. Eu não me importava com a opinião alheia, afinal eu estava preso naquela maldita cidade por pouco tempo mais. Já podia deslumbrar a minha alforria no horizonte próximo e qualquer necessidade de me fazer explicar poderia tardar a partida. Ser invisível era como furar a fila de embarque e me dava a ligeira sensação de que eu não estava, de fato, ali. Aquela minha versão, naquele lugar sem vida, não era mais do que um ensaio para um grande espetáculo que não demoraria a estrear.

Ainda sim, eu tentava manter ativo um círculo social com dois colegas que pareciam compartilhar do mesmo desinteresse generalizado que eu. Depois que comecei a evitar a exposição em ambientes exclusivamente masculinos com os hormônios erupcionando, esta dupla passou a me acompanhar para onde quer que eu fosse e, pouco a pouco, fui me afeiçoando a eles e desenvolvendo um forte laço que sentia ser recíproco.

Alex e Matt eram extremos opostos e, acredito, era justamente isso que fazia crescer uma atração tão forte entre os dois. Alex era independente, destemida e tinha uma postura agressiva que intimidava os outros rapazes. Era bem atraente, mas o seu estilo pouco convencional dificultava a aproximação de quem não estivesse disposto a conhecer a personalidade sagaz e carismática que se escondia debaixo



E-MAIL
wcolatti@gmail.com





LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Freight Text Pro
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em março de 2022.